

A SÁTIRA I.8 DE HORÁCIO, Alusão aos projetos Civilizadores de Mecenas e Augusto

José de Oliveira Magalhães
Prof. Língua e Lit. Latina / UERJ

RESUMO A Sátira I.8 de Horácio – *noturno de exorcismo às trevas de Roma, em alusão aos projetos civilizadores de Mecenas e Augusto. A Roma ideal de esclarecidos proto-iluministas e a Roma concreta das trevas da noite e do obscurantismo da ignorância. Tradução literal e tradução livre, com divisão pelo conteúdo e comentários temáticos e estilístico-literários.*

PALAVRAS-CHAVE: *Poesia, sátira, credence.*

INTRODUÇÃO

A quem teve o privilégio de um contato mais aprofundado com as *Sátiras* de Horácio, o texto da oitava sátira do Livro I parece apresentar características incomuns em relação às demais *Sátiras*:

a) pela obscuridade física do ambiente noturno, associada ao obscurantismo de práticas esotéricas de magia negra, temas não muito ao gosto do poeta;

b) por uma rara miscelânea, ou fusão até, de características dos gêneros lírico, épico e dramático; - tal estranhamento desse poema será verificado igualmente nos *Epodos* V e XVII, dirigidos à feiticeira Canídia, protagonista de males e desafeta antiga do poeta.

Uma primeira tradução se aterá aos aspectos sintáticos e estilísticos do texto e uma outra dará suporte a uma divisão dele, por assuntos, para uma análise literária, mais interessada na estruturação do conteúdo e em suas implicações no universo interior do poema, com o mundo exterior dos leitores aos quais era ele dirigido. Horácio – no dizer do historiador contemporâneo, Paul Petit, quando trata dos ideais culturais de Augusto, - era *mais cético do que teriam desejado seus protetores.*

UMA SÁTIRA INCOMUM

Perret, no último capítulo do seu excelente *Horace*, aventa uma hipótese plausível: *s'il avait vécu quelques années de plus, peut-être cet homme étonnant... nous aurait-il donné des oeuvres de théâtre*. Essa embrionária vocação dramática de Horácio parece manifesta nessa Sátira I.8, perfeitamente extraordinária, pelos aspectos que se apontarão a seguir:

a) O narrador interno da sátira em questão não é um Eu lírico, subjetivo, mas um teatral e desbocado Priapo, que lembra introdução de pantomima;

b) A disposição das partes lembra a estrutura de uma narrativa, com todos os seus componentes de tempo, espaço e personagens, numa trama bem definida, e uma conclusão de bem-humorada catarse;

c) Por mais variado que seja o gênero satírico, em geral e o dos *Sermones* de Horácio, em particular, essa parece destacar-se das outras, pela sua semelhança com os Epodos V e XVII, os três poemas a evocarem a odiada Canídia e também por apresentarem o pinturesco típico de Horácio, num grau muito elevado, em características de narrativa quase épica, num ponto próximo da inevitável vocação dramática, aventada por Perret.

Percebem-se, de fato, rudimentos de diálogos, tanto nas imprecações de Canídia (Ep. 5, v.49b-82) e no queixume e maldição do menino por ela torturado até à morte, (Ep. 5, v. 1-9 e v. 87-102) quanto na falsa ou irônica proposta de paz do perseguido poeta – *mendaci lyra* (Ep. 17,39) – à feiticeira Canídia, (Ep. 17, 1-51) com a resposta rancorosa desta (Ep. 17, 52-81). A mútua e irredutível incompatibilidade de duas pessoas, em sexos e pólos opostos, manifesta-se, na sátira, pela forma de tratamento em que o poeta finge não se prestar a ser o cantor de tais baixezas. Em absoluto repúdio ao assunto, abdica da sua função de narrador externo e onisciente, colocando em seu lugar o Priapo, narrador interno e personagem protagonista *malgré soi*, intermediário entre o mundo das sombras e o luminoso universo dos leitores de Horácio Flaco.

INDUÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Tese: Roma ideal de esclarecidos proto-iluministas

Eis, pois, o menino, de inventor de frases pitorescas, no seu senso agudo de observação, transformado, pela educação paterna, no refinado poeta, à mesa de Mecenas, entre Vergílio e o poderoso Polião, longe do *profanum vulgus*, num mundo de privilégios, conquistado à força de talento, sorte e simpatia pessoal. Ei-lo, nesse ideal de plena libertação que certamente lhe incutira o pai.

Sem pretender arremedar os poderosos, Horácio parece divertir-se, especialmente nos dois livros das Sátiras, em enfocar sob a luz clara da sua análise de bom-senso, certos tipos humanos, acomodados nos extremos semelhantes de vícios e qualidades, e na fascinante atmosfera – ou perigosa proximidade? – de homens detentores do inebriante poder de se saberem ricos ou, ao menos, versados na difícil arte de se manterem nas boas graças de patrícios senatoriais – como era o caso dos poetas – sempre sob o risco de perderem a independência e a própria dignidade.

Felizmente, para Horácio, o que se cultiva na mesa do preclaro Mecenas não são banquetes de Thiestas, com dentes de Canídia. – *Absit!* – nem o mau gosto de humilhações bajulatórias, tão oposto aos gostos e ideais do próprio patrono, admirador da franca racionalidade, do equilíbrio e do bem-viver, cantados pelo poeta. Pelo menos, a impressão que nos deixa a figura do Mecenas, na simpaticíssima obra de Grimal e a partir das três passagens de Jean Bayet, em *Littérature Latine*, sua atuação e influência não parecem a do enfatuado poderoso, com pretensões a artista, cercado de poetas como de uma corte de bajuladores. Pelo contrário, mais lembra um amável companheiro de lides literárias, com grande percepção da função social de um artista. Poderia ter sido até pessoa extremamente agradável, a estimular Vergílio, Horácio e Propércio à criação de uma literatura nacional.

Essas idéias parecem em plena consonância com os ideais de Augusto, o general de trinta anos de paz, que *teve a habilidade de anexar à glória do seu reino os grandes escritores que se tinham formado antes da sua chegada*. Ele não conseguiu roubar Horácio a Mecenas, com seu convite de fazê-lo seu secretário particular, mas honrou-o como poeta laureado e conseguiu que escrevesse o poema oficial dos jogos comemorativos da passagem de mais um século mítico, associado à sua família e a seu destino de imperador divino. Infelizmente, a partir de Augusto (já mal preparado por César), a tradição da democracia republicana da

Roma consular, elogiada até pela Bíblia, no século II a.C. (em I Macabeus, VIII, 1-16), seria substituída por déspotas, nem sempre tão esclarecidos, no “prato de salada” – por vezes, apimentado até à demência – na contrastante galeria dos Césares que nos traça Suetônio. A ilusão de restaurar a moral e religião em decadência, ante a tentação do luxo oriental e a influência das crenças asiáticas, com o culto do *Imperador*, cujo *genius* se identificaria com o próprio deus do Império, nunca deu bom resultado. No caso de Otaviano, que fixara seus soldados ao campo e buscava transformá-los, inclusive com o concurso dos poetas, como no caso das *Geórgicas* de Vergílio, inevitavelmente, esse idealismo tão otimista com a (bíblicamente decaída) natureza humana, deve ter sido tentação de entusiasmo efêmero, que encontraria semelhanças na História ulterior, como as utopias humanistas do renascimento do século XVI e as dos iluministas do século XVII – entre os quais Jefferson, Washington e nossos Inconfidentes mineiros – sem falar dos catastróficos equívocos nazi-fascistas e do terrível experimento marxista dos soviets, todos laborando em falso otimismo, sem fundamento *in re* ou *in corrupta natura* e sem esperança no concurso de uma Graça Sobrenatural, única realidade a dar sentido aos esforços do Cristianismo, pelo advento do Reino.

Antítese: A Roma concreta das trevas da noite e do obscurantismo da ignorância.

Fora do convívio preclaro de aristocratas amantes das artes, especialmente na noite escura da Roma antiga, reina a solidão das ruas, *com seus temores noturnos, seus assaltantes e sicários*, como podemos auferir da leitura de Jérôme Carcopino, em seu *La vie quotidienne a Rome à l'apogée de l'Empire*. Segundo as deduções desse autorizado latinista e arqueólogo, nas ruas apertadas de bairros populares junto ao centro de Roma, com mansardas, ou *insulae*, empilhadas em, às vezes, seis, sete andares periclitantes. Não havia postes nem lampiões nas paredes, nem sequer velas e lanternas no limiar das portas. E estas mantinham-se prudentemente fechadas, à noite, com trancas e correntes de segurança.

Sem lanternas e boa escolta, seria bem temerário andar por essa outra Roma, vasculhada pelos amigos do alheio, ou *trium litterarum homines*, como chama Plauto aos ladrões, numa cidade polarmente opos-

ta à do ideal do poeta do *Carmen Saeculare*, e mesmo à Roma diurna, sob sol meridiano, moderada por leis e estuante de vida. Por isso mesmo, causa estranheza observar a escuridão que domina a Sátira I.8, quase que numa antítese com a restante obra de Horácio – excetuados momentos de ira conjuratória de naufrágios e outros males cominados e desafetos nos Epodos. O próprio Horácio, moralista, nos aponta, no Epodo V, 41-46, para o generalizado obscurantismo das superstições romanas, num exemplo da *ociosa Nápoles*, em que os privilegiados da época se devotavam ao *dolce far niente* e a ansiosas buscas erótico-esotéricas, no estilo das cruéis bruxarias da Canídia, Véia e outras, sabe a humana estultice quantas.

HORÁCIO, SÁTIRA I.8

Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum,	1
cum faber, incertus scamnum faceretne Priapum,	
maluit esse deum; deus inde ego, furum	
auiumquemaxima formido; nam fures dextra coercent	
obscenoque ruber porrectus ab inguine palus,	5
ast inportunas uolucres in uertice harundo	
terret fixa uetatque nouis considerare in hortis.	
Huc prius angustis eiecta cadauera cellis	
conseruus uili portanda locabat in arca;	
hoc miserae plebi stabat commune sepulcrum,	10
Pantolabo scurrae Nomentanoque nepoti.	
Mille pedes in fronte, trecentos cippus in agrum	
hic dabat, heredes monumentum ne sequeretur.	
Nunc licet Esquiliis habitare salubribus atque	
aggere in aprico spatium, quo modo tristes	15
albis informem spectabant ossibus agrum;	
cum mihi non tantum furesque feraeque suetae	
hunc uexare locum curae sunt atque labori,	
quantum carminibus quae uersant atque uenenis	
humanos animos; has nullo perdere possum	20
nec prohibere modo, simul ac uaga luna decorum	
protulit os, quin ossa legant herbasque nocentes.	
Vidi egomet nigra succintam uadere palla	
Canidiam pedibus nudis passoque capillo,	

cum Sagana maiore ululante; pallor utrasque fecerat horrendas aspectu. Scalpere terram unguibus et pullam diuellere mordicus agnam coeperunt; cruor in fossam confusus, ut inde manis elicerent animas responsa daturas.	25
Lanea et effigies erat, altera cerea; maior lanea, quae poenis compesceret inferiorem; cerea suppliciter stabat, seruilibus ut quae iam peritura modis. Hecaten uocat altera, saeuam altera Tisiphonem; serpentis atque uideres infernus errare canes lunamque rubentem, ne foret his testis, post magna latere sepulcra. Mentior at siquid, merdis caput inquiner albis coruorum, atque in me ueniat mictum atque cacatum Iulius et fragilis Pediatia furque Voranus.	30
Singula quid memorem, quo pacto alterna loquentes umbrae cum Sagana resonarent triste et acutum, utque lupi barbam uariae cum dente colubrae abdiderint furtim terris, et imagine cerea largior arserit ignis, et ut non testis inultus horruerim uoces Furiarum et facta duarum.	35
Nam displosa sonat quantum uestigia, pepedi diffissa nate ficus; at illae currere in urbem. Canidia dentis, altum Saganae caliendrum excidere atque herbas atque incantata lacertis uincula cum magno risuque iocoque uideres.	40
	45
	50

TRADUÇÃO LITERAL

Outrora eu era um tronco de figueira, madeira inútil,
quando um operário, indeciso se esculpiria um banco ou um priapo,
preferiu que fosse o deus; por isso, sou o deus, maior pavor
dos ladrões e aves; com efeito [minha mão] direita afugenta os
ladrões, bem como
a rubra estaca, estendida (proveniente) da virilha 5
obscena; por outro lado, a vara presa no cimo da cabeça
aterroriza os voadores perigosos e impede

que pousem nos jardins novos.

Anteriormente, um companheiro de escravidão colocava os cadáveres retirados de celas estreitas, que deveriam ser transportados para cá em urnas sem valor;

neste lugar ficava a sepultura coletiva para a mísera 10
plebe, para o bobo Pantolabo e o devasso Nomentano.

Aqui, um marco indicava mil pés na frente e trezentos em profundidade,

para que o monumento não criasse herdeiros.

Agora, é permitido morar nas saudáveis Esquilias
e passear na colina ensolarada, onde, há pouco, 15
os desventurados olhavam um campo horrível de ossos
brancos; entretanto não somente os ladrões e feras,
acostumados a perturbar este lugar, são cuidados
e preocupação para mim, mas também aquelas
que atormentam os espíritos humanos com
suas palavras mágicas e feitiços. De nenhum modo 20
posso destruí-las ou impedir que recolham ossos e ervas
maléficas, enquanto a lua errante apresente a face bela.

Eu mesmo vi Canídia caminhar com a veste negra arregaçada,
os pés descalços e o cabelo escorrido,

vociferando, com a Sagana mais velha; 25
a palidez havia tornado ambas horríveis de aspecto.

Começaram a escavar a terra com as unhas e
a dilacerar uma ovelha negra, com os dentes;
o sangue foi derramado na escavação porque, daí, elas
evocariam os manes, espíritos que haveriam de dar respostas.

Havia uma boneca de lã e outra de cera; 30
a de lã era maior, ela reprimia a menor com castigos,
a de cera mantinha-se humildemente com modos servis
como se já estivesse nos limites de quem deveria morrer.

Uma [das duas bruxas] invoca Hécate; e a outra, à cruel
Tisífone; verias também serpentes infernais
e cães a circular e a lua corando (de vergonha), para 35
esconder-se entre os grandes sepulcros,
para que não fosse testemunha dessas [abominações].

Mas se minto em alguma coisa, quanto a minha cabeça, que

eu seja emporcalhado, com os brancos dejetos dos corvos e
que venha[m] urinar e defecar sobre mim
Júlio e o efeminado Pedrácio, como também o ladrão Vorano.
Como me lembrarei de cada uma, de que modo as sombras 40
falantes repetiriam as palavras alternadas com Sagana
de forma triste e aguda, e como teriam [as duas] escondido
secretamente na terra a barba de um lobo com dente de co-
bra variada, e como
um fogo mais copioso ardeu com a escultura de cera;
e como testemunha não impassível;
temi as vozes das Fúrias e os feitos das duas. Com efeito, 45
tanto quanto soa uma bexiga dilatada (arrebentada), eu,
figueira, com as nádegas repartidas, expeli ventosidades;
que elas correram para a cidade.
Verias, com uma grande gargalhada e galhofa, cair
os dentes de Canídia e a peruca emproada de Sagana,
como também as ervas e os laços encantados de seus braço.50

TRADUÇÃO LIVRE E DIVISÃO PELO CONTEÚDO

Apresentação teatral do Narrador (v. 1-7)

Fui, outrora, um tronco de figueira, madeira inútil,
quando um artesão, indeciso entre banco ou priapo, preferiu o
deus;
daí, virei deus-espantalho, maior pavor dos gatunos e aves;
pois minha dextra afugenta os ladrões,
e o rubro pau, protendido do baixo ventre, 5
bem como, a vara presa no ápice da cabeça
aterroriza os voadores importunos e impede
que pousem nas plantações novas.

Composição de lugar (v. 8-22)

Antigamente, um companheiro escravo colocava em vil caixão
os cadáveres saídos de celas estreitas [das senzalas],

- a ser carregados para cá;
10 neste lugar ficava a sepultura de confraria para a mísera plebe,
para o bobo Pantolabo e o agregado Nomentano.
Aqui, um marco indicava mil pés de testada e trezentos
De profundidade, para que o túmulo não gerasse herdeiros.
15 Agora, é possível habitar na Esquílias salubres
e passear na colina ensolarada, onde, há pouco, viam
os desventurados um campo desorganizado, com ossos brancos;
entretanto não somente os ladrões e feras, acostumados a
perturbar este lugar, são cuidados e preocupação para mim,
mas também aquelas que confundem os espíritos humanos com
20 sortilégios e feitiços. De nenhum modo
posso destruí-las ou impedir que recolham ossos e ervas
maléficas, enquanto a lua errante apresente a face bela.

Ação (v. 23-44b)

Personagens mortais (v. 23-29)

- Eu mesmo vi Canídia, caminhar com a veste negra arregaçada,
os pés descalços e o cabelo escorrido,
25 vociferando, com a Sagana mais velha;
a palidez havia tornado ambas horríveis de aspecto.
Começaram a escavar a terra com as unhas e
a dilacerar uma ovelha negra, às dentadas;
o sangue foi derramado na fossa, para, daí,
evocarem os manes, espíritos que dariam respostas.

Semiologia mágica e personagens infernais (v. 30-34a)

- 30 Havia uma boneca de lã e outra de cera;
a maior, de lã, para que castigasse a menor,
de cera, que se mantinha súplice, em atitudes servis
como se já para morrer. Uma [das duas bruxas] invoca
Hécate; e a outra, à cruel Tisífone;

Gradação e ordálio, não narrado nem testemunhado (v. 34b-36)

verias também serpentes infernais

35 e cães a circular e a lua enrubesciente, a
esconder-se em pós os grandes sepulcros,
para que não fosse testemunha dessas [abominações].

Protesto de veracidade do narrador-personagem (v. 37-44a)

Mas se minto em algo, que eu seja emporcalhado,
quanto a minha cabeça,
com os brancos dejetos dos corvos e
que venha[m] urinar e defecar sobre mim
Júlio e o efeminado Pediácio, como também o ladrão Vorano.

Climax

40 Relembrarei cada [detalhe] e o modo triste e agudo, pelo
qual as sombras falantes repetiriam as palavras alternadas com Sagana,
e para que teriam [as duas] escondido furtivamente na terra
barba de lobo com dente de cobra rajada, quando um
imenso fogaréu ardeu com a efígie de cera;

Desfecho (v. 44b-50)

Ação do narrador vingado (v. 44b-47a)

para que não ficasse como testemunha não vingada,
45 abominei os feitos e as vozes das duas e das Fúrias: pois,
tanto como uma bexiga soa, explodindo, assim estralejei
(= efeito onomatopaico do perfeito reduplicado *pepedi*)
com as nádegas rachadas da velha figueira,

Consequência libertadora e Catarse (v. 47b-50)

que elas fugiram para a cidade.

Verias, com grande riso e hilaridade, cair

a dentadura de Canídia e a peruca emproada de Sagana,

50 além das ervas e das fitas mágicas de seus braços.

COMENTÁRIOS TEMÁTICOS

Observe-se o caráter de síntese dos três gêneros fundamentais da literatura, realizada historicamente pela salada inteligente da Sátira, especialmente nesta, de Horácio. A influência genética do teatro popular com sua introdução feita por um bufão, certas características épicas de narrativa popular e a catarse de tragicomédia, no final, reforçam a idéia de que essa oitava sátira do Livro I, com seus cinquenta versos, tem características incomuns, sem intervenções líricas do eu poético, e com unidade narrativa inusitada no próprio gênero.

Centrada num cemitério semiclandestino, à noite, essa narrativa, tão destoante do lirismo horaciano, parece querer abarcar toda a ignorância e superstição – não muito *avis rara*, entre os romanos, mesmo na classe dos patrícios, afeitos a arúspices e mistérios e ávidos de poderes esotéricos, como os da *otiosa Neapolis*. Numa nota da introdução ao Epodo V, Richard o confirma, ao comentar a cena do lento suplício do menino seqüestrado por Canídia e submetido a um ritual sádico, espécie de suplício de Tântalo: *La scène n'est pas invraisemblable, et nous connaissons par des inscriptions, des faits analogues*. As práticas obscurantistas de magia negra consubstanciam na sátira em questão uma como que síntese da teimosia da irracionalidade humana, onnipresente na noite de Roma, mas fadada ao exorcismo, em novos tempos de meridiana luz, consoante os ideais embrionários do proto-Iluminismo de seus amigos, despontados já, na Glória efêmera da Roma Imperial de Augusto e não ainda desapontados com a sua involução da prístina democracia consular para o absolutismo do *Imperator deus*.

Na vida concreta, esses ideais foram vividos, de certo modo, pelo sábio Mecenas, com seu círculo de amigos que, além de criar um ambiente iluminista em sua casa, tratou de urbanizar o Esquilino, com seus palácios e terraços para a fruição de passeios de liberdade à luz clara do veranico de primavera, conforme se sugere nos versos 15 e 16a, citados acima.

Eis, portanto, exorcizado, exatamente o lugar – oportuno – dessa sátira de características épicas, com tempo, espaço, personagens e narrador, nitidamente determinados. Quanto ao papel de narrador, o sábio Horácio – que soubera, ou saberia negar o convite de secretário particular do imperador, - soube também delegá-lo para um rude deus campônio, o desbocado

priapo da narrativa.

Trata-se, pois, de um poema priápico, como avisa o judicioso Coffey, quando trata dessa sátira em especial. Quanto a esse tipo de poemas de gosto picaresco, parecem ter sido bem populares no Império e na decadência de Roma, perdida já a reverência pelas forças genéticas da natureza. O verbete *PRIAPEIA* da Enciclopédia Britânica alude a uma coletânea deles, “cerca de oitenta, em vários metros, sobre o tema Priapo, compilada de obras literárias e de inscrições em imagens do deus, por um editor desconhecido que compôs o epigrama introdutório”.

COMENTÁRIOS ESTILÍSTICO-LITERÁRIOS

Abertura teatral

Nos sete primeiros versos, Horácio compõe a paisagem, com a simples apresentação do rústico fruto dos mitos e poesia do povo antigo, um priapo desrespeitado e feio, mas ressumante de senso de humor. Como numa abertura de comédia, o verso 1 dá-lhe o *status* de narrador interno, não-onisciente e quase vítima das outras personagens, e ele, de imediato nos revela sua origem, espécie e família: *truncus eram*, vegetal inerte e *ficalnus* + *aposto*, inútil, de madeira pouco útil. O verso 2 pertence à prosápia do apresentador, o pai, fabricante indeciso do monstrengo, no dilema entre fazer *scamnum an deum*?. Útil ou inútil? Solução e parto vêm no verso 3: *maluit deum*, coisa, certamente, bem inútil para a visão de um epicurista coerente e, mais ainda, para um cético inveterado. *Deus inde ego*.

Ironicamente, a irreligiosidade prática de Horácio assemelha-se, nesta sátira, aos acentos bíblicos de indignação dos profetas, Isaías e Jeremias, manifestadas em vários textos, quando investem contra a ignorância do povo, ante a sedução dos ídolos de madeira e ouro. Leia-se a propósito a carta de Jeremias, no livro de Baruc, capítulo VI e, especialmente o que conta Isaías sobre a gênese de um ídolo de madeira, em que seu artífice, na dúvida entre o útil e o inútil, adota a solução mais sábia do eclético, usando como lenha parte da madeira e para ídolo a parte mais trabalhosa de rachar.

Relação psicológica do narrador-personagem

Um narrador popular, quando vê suas bravatas fugirem a seu controle, extrapolando os limites do crível, costuma protestar sua veracidade. Amante da hipérbole, logo se vê como que espantado com a extensão dramática do que criou. Uma reação comum consiste em cominar as piores desgraças para si próprio, se não estiver falando a nua e pura verdade. Assim, em Horácio, o Priapo declara aceitar até o que mais pode aborrecer uma estátua: as sujeiras dos pássaros tagarelas. Apela mesmo para a hipérbole, com o que parece fisicamente mais sujo a um homem, a desgastada palavra de cinco letras das imprecações, produto físico e cultural da mais baixa ralé, como a dos júlios da vida, dos frescos pediátias e de gatunos como Vorano.

A quem preste atenção, essa parte da sátira lembra Plauto. Parece-nos ver essas personagens todas num palco. Pena Horácio não ter vivido mais um pouco, o suficiente para escrever teatro. É o que conclui Jacques Perret após ter analisado os conselhos do próprio Horácio, na Carta aos Pisões, para a verdadeira criação dessa arte entre os pouco imaginativos romanos: *S'il avait vécu quelques années de plus, peut-être cet homme étonnant... nous aurait-il donné des oeuvres de théâtre*. Tal ideal foi tentado sessenta anos mais tarde, sob influência horaciana, por Sêneca.

Nosso poeta, infelizmente, a cujos olhos a lima, ou a lentidão no fazer literário, era mais importante que o engenho, como se lê na Arte Poética, aos Pisões, morreu, de repente, antes de chegar a esse sonho de *uertere seria ludo*. Quem sabe não andou por aí a mão da Canídia, a rir por último, pondo-lhe fitas encantada e *lupi barbam cum dente colubrae*? – (Em latim a receita, para que ninguém a refaça.)

Desfecho inesperado

Ninguém prevenira o leitor de que não é fácil sair de um mundo em que já se tenha entrado e, menos ainda, nesse mundo inferior do inconsciente, como o advertira a sábia Sibila a Enéias, quando do projeto do herói de visitar o pai Anchises, nas sombras do Além:

“Facilis descensus Auerno...” (En, VI, 328b),

Sed reuocare gradum superasque euadere ad auras

Hoc opus, hic labor est.” (En, VI, 330-331a)

A solução de Horácio parece bem simples e sintomática, nessa mini-

micro-epopéia: por espírito pessoal de síntese, de um lírico, não muito à vontade no gênero épico, ou por achar que *intelligenti, pauca*, Horácio mantém o seu Eu-poemático, tranqüilamente fora da narrativa, e o Eu-poético, inconscientemente traído sob o disfarce do deus-vegetal, confiando os leitores aos talentos de narrador de Priapo, guia rústico e falastrão.

Nesses apuros, ante os poderes infernais que se alevantam, o deus-espantelho parece perder suas forças conjuratórias e, no final, tem de valer-se de um acaso físico, se se adota o eufemismo de Coffey: *um estalar fortuito de madeira velha*. Mas para leitores latinos, o acaso não é físico, senão estratagemma safado, recurso fisiológico do pobre deus com temperamento de sátiro. — Seja qual for a interpretação, o gênero da sátira parece-nos sempre mais tendente ao popular e à cacologia “*psógos*”, bem na tradição precursora de Arquíloco, conforme ensina ninguém menos que Nely Pessanha. A simplista porta de marfim, achada como saída do inferno, por Vergílio ou pelo pródigo pai Anquises parece mais própria de aristocratas, na tradição homérica de *deus ex machina*, a ajudar o herói, na tradição de “*épaios*” da epopéia, como nesse verso 898 do inferno da Eneida.

Para não alongar essa análise, a porta cloacina da sátira I.8, ou o desfecho com que Horácio acaba cerce com a tragicomédia armada, ridiculariza, em boas gargalhadas, *risu iocoque* (v. 50), todo esse mundo de opressiva superstição, bem como, de tabela, o mundo certinho dos aristocratas. O destinatário da hilaridade final não são seus amigos somente, do círculo de Mecenas, mas nós todos, leitores, com o último verbo *videres*, - último vocábulo do texto - a indicar um sujeito indeterminado, (conforme ensinam Ernout e Thomas no terceiro caso de indeterminação do sujeito, conforme sua *Syntaxe Latine*, em que esse recurso lingüístico se faz, em latim, por quatro processos: 1º) pelo passivo impessoal, *bibitur; estur*; 2º) pela 3ª pessoa do plural, *dicunt, tradunt*; 3º) pela 2ª pessoa do singular, especialmente no subjuntivo, como esse nosso *videres* e 4º) pelo particípio presente no dativo: *Sero uenientibus ossa*).

CONCLUSÃO

Ante tais considerações em torno de Horácio e sua obra, em especial, nos Epodos V e XVII, tem-se a impressão de que os três gêneros fundamentais da Literatura aparecem fundidos na Sátira I.8, numa como

que paródia-salada, de miscelânea total. Evidenciam-se nela, realmente, o épico da narrativa, com todos os seus elementos constitutivos de tempo, espaço, narrador, personagens, trama, etc.; o dramático, desde os primeiros sete versos de auto-apresentação do narrador-interno, além da estruturação e *mise en scène* com o admirável poder pinturesco e sintético do poeta; e, finalmente, o lírico da visão profundamente subjetiva e pessoal, perfeitamente acolhido na liberdade da *Satura lanx*, inteligente miscelânea de idéias, quase que aleatórias, à primeira vista, mas coerentemente dispostas em torno de um tema, nessa salada-coração-de-mãe, onde há lugar para qualquer assunto. Toda a agridoce variedade humana pode ser nela abarcada, desde que traga algum sabor de espírito ao prato mais duradouro da culinária romana, mais saudável, aliás, à inteligência que todas as misturas sofisticadas de um Apício ou de um Dédalo, cozinheiro de Trimalção.

Nisso tudo, o que mais causa impressão é o admirável espírito de síntese de Horácio, mestre da lima, conseguindo colocar, numa espécie de *livre associação* pré-freudiana, todo esse processo psicanalítico e esse inferno simbólico da mitologia inconsciente, em certo sentido, bem mais profundo que o das epopéias e cerca de vinte vezes menor – cinquenta versos, - que o do canto VI da Eneida de Vergílio, com seus quase oitocentos versos, dedicados ao tema.

Já ao fim de nosso trabalho, seja-nos lícito, agora, um toque pessoal, manifestando justificada inveja ao talento e à sorte do poeta Venusino, como frisa Perret, ao comentar o vigésimo século de ininterrupto sucesso de Horácio. Que, ao menos, pela influência de seu estilo, contemos com ser beneficiados pela aquisição de redação mais direta e menos enrolada.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, W.S. – *Essays on Roman Satire*. Princeton, Princeton University Press, 1982.

BAYET, Jean. – *Littérature latine*. Paris, Armand Colin, 1965.

COFFEY, M. – *Roman Satire*. London, Methuen; New York, Barnes &

Noble, 1976.

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. – Chicago, London, Toronto, Willian Benton, Publisher, 1769, Ed. 1958.

ERNOUT, A. et MEILLET, A. – *Dictionnaire etymologique de la langue latine*, Histoire des mots. 3 ed. Paris, Klincksieck, 1951, 2 v.

GRIMAL, P. – *Horace*. Paris, Ed. du Seuil, 1979.

PERRET, Jacques. – *Horace*. Paris, Hatier, 1959.

RICHARD, François. – *Horace – Oeuvres complètes* (Tome 1^{er}: Odes et épodes; tome 2^{ème}: Satires, épîtres, Art Poétique). Paris, Garnier Frères, 1944.